

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR		ANNO I—24 DE JULHO DE 1881—N.º 23	ASSIGNATURA BRAZIL	
Anno ou 52 numeros.....	24500 réis	GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º	Anno ou 52 numeros.....	75000 réis
Semestre ou 26 numeros.....	12250 >		Semestre ou 26 numeros.....	45000 >
Trimestre ou 13 >.....	700 >		Trimestre ou 13 >.....	25000 >
Avulso.....	60 >		Avulso.....	200 >

SUMMARIO

Gravuras:—Nos gelos; A tomada de Roma pelos gaulezes; Telegrapho sem fio; Uma caçada de pelles-vermelhas; Duas mãos de fidalgo annamitas.
 Texto:—Actualidades, por Pinheiro Chagas; As nossas gravuras; A semana historica, por A. O.; Sciencia popularizada; Horas de ocio; Atravez da Siberia, por Victor Tissot e Constant Amero; Correspondencia.

ACTUALIDADES

Acabamos de receber dois livros de Mendes

mos alli em presenca de uma das mais fortes individualidades do nosso paiz e do nosso tempo. Ha quarenta e tres annos que está na bre-

Senhor o dom da intelligencia lucida, e do bom gosto litterario. Essa sensaçao comprehende-se, mas todo o homem reflectido e serio tem obriga-



NOS GELOS

leal, um intitulado *Hommage aux lettres latines*, outro *La Légende et l'histoire*; o primeiro de versos francezes e portuguezes, de originaes e de traducções, o segundo de historia e de polemica, escripto em francez com um vigor, com uma correcção verdadeiramente inexcediveis. Ao folhear-mos estes dois livros, invadia-nos uma sensaçao de admiracão e de respeito, porque nos achava-

cha esse intrepido luctador. Foi em 1838 que escreveu o seu primeiro drama romantico os *Dois renegados*, cujo exito foi enorme, assombroso. Os homens de hoje riem-se d'esses successos, riem-se d'esses melodramas espaventosos, imaginam talvez que o publico de 1838 era um publico de idiotas, e que só os que nasceram de 1840 para cá é que obtiveram de Deus Nosso

ção de analysar as suas sensaçoes, e n'este caso, se o fizer, verá que acontece com os estylos e processos litterarios o mesmo exactamente que succede com as modas femininas. Quando hoje vemos um desenho representando as modas de 1820 ou de 1830, achamos as mulheres que assim trajavam extremamente ridiculas, e parece-nos impossivel que houvesse alguém que podesse con-

servar o seu sério, no meio da declaração mais apaixonada, diante de um d'esses turbantes à *Stuel*, ou de um d'esses chapéus de forma enormíssima, onde se viam por entre as abas os olhos mais bonitos como se vêem duas luzes ao fundo de um corredor. E contudo essas senhoras, que foram nossas mães e nossas tias, inspiraram paixões a nossos paes, que afinal de contas valiam pelo menos tanto como nós.

Essa estranha sensação, a que ninguém é superior, podemos apreciar-a por nós mesmos. Não ha muito tempo ainda que achavamos extraordinariamente ridiculas as modas do Directorio e do Imperio, e contudo hoje é assim que vestem as nossas contemporaneas, e já nos parece impossível que alguém pudesse vestir de outro feitio.

Acontece um pouco o mesmo com os estylos e os processos litterarios, e um escriptor de talento deve modificar a sua maneira, de forma que nunca esteja *démodé*, porque ha modificações no gosto publico, que é necessario, que é indispensavel seguir. Os ultimos romances de George Sand tinham um feitio completamente diverso dos primeiros, e contudo o genio era o mesmo, eram as mesmas tambem as tendencias do seu espirito; mas *Mademoiselle de la Quintinie* differe tanto da *Lelia* como os fatos do segundo imperio dos do tempo de Luiz Philippe.

Mendes Leal teve sempre a faculdade de ser contemporaneo intellectual do tempo em que vive, faculdade que parece dever ser vulgar, e que é rara, porque a maior parte dos escriptores ficam afferrados ás tradições do tempo em que primeiro brilharam, e a poucos é dado escrever o *Retrato de Venus* em 1820 e as *Folhas caídas* em 1830, os *Dois reneçados* em 1838 e o *Egas Moniz* em 1862.

Mendes Leal tem sobretudo uma extraordinaria força de vontade, um estudo de ferro, uma universalidade de conhecimentos assombrosa. Foram os seus primeiros amores o theatro, e alli conquistou successivos triumphos, desde os dramas da escola sanguinolenta, que hoje está renascendo, que é o que tem graça, como renasceram os vestidos esguios de Mme. Tallien e de Josephina Bonaparte, desde esses dramas até aos dramas contemporaneos, em que deixou algumas obras primas como os *Homens de marmore* e a *Escala social*.

Poeta, subiu sózinho ás regiões inacessiveis, onde pairava o genio de Hugo, e aonde poucos poetas portuguezes subiram. Foi com uma penna de agnia que elle escreveu esses poematos energicos e sonorosos, que se chamam *Avé Cesar*, *Abd-El-Kader*, *Napoleão no Kremlin*, a *Gréz e a Espada*, o *Pavilhão Negro*. Tentou o romance historico, e estudando com um cuidado assombroso as épocas extinctas, os seus costumes e as suas paixões, escreveu esse monumento quasi ignorado, que se intitula o *Calabar*, verdadeira epopéa das nossas luctas com os hollandezes no Brazil.

Depois lançou-se na politica e subiu rapidamente aos primeiros logares. Os seus artigos, laboriosamente cinzelados, dêram por muito tempo ao *Jornal do Commercio* um prestigio notavel. Procuravam-se com avidez os artigos firmados pelas duas letras *M. L.*, quasi microscopicas no original, que é o desespero de todos os compositores, e a expressão mais perfeita d'essas *pattes de mouches*, que dêram o titulo á mais brilhante comedia de Sardou.

Como deputado, pronunciou na camara, com a sua má voz, discursos de largo folego, entre os quaes sobresae o que pronunciou na celebre questão das irmãs da caridade, discurso de tres dias em que luctava com a voz clamorosa e com o talento oratorio de Casal Ribeiro, e que, publicado na *Revista Contemporanea*, assombrou os que não tinham podido seguir na assembleia a sua palavra debil e pouco audível. Como ministro deixou vestígios notaveis na administração das colonias, escreveu *Relatorios* ainda hoje consultados com proveito. Finalmente fatiga-se das luctas da politica, pretende entrar na diplomacia, e elle, o obscuro rapazinho, que aos dezoito annos entrava no *foyer* da Rua dos Condes com um manuscrito illegivel debaixo do braço, conquista em Paris um alto lugar, n'essa Paris desdenhosa e egoista, que não tem ouvidos senão para si propria e para os louvores que lhe entoa a voz prestigiosa de Victor Hugo, que não admira senão os seus filhos, que não escuta senão os echos da sua propria voz, e que acolhe na sua *élite*, no seu *tout Paris*, que se compõe de umas duzias de notabilidades, o ministro portuguez; o *Figaro* vai-lhe pedir a casa os versos em que elle pedia a Henri de Bornier licença para lhe traduzir a poesia *Les Deux Villes*, e esses versos, que o jornal francez applaudia como se fossem de um parisiense, tinham realmente o sopro huguesco e ao mesmo tempo o cunho da grande cidade onde nasciam...

Vous savez le secret, et devinez la loi
De ce monde nouveau qui s'ébauche et se lève,
Crépuscule rayé par les éclairs du glaive,
Plein de terreurs souvent, toujours rempli de foi.
L'âme de ce passé revient dans ces figures;
On entend tour à tour, au fond des noirs châteaux,
Le sanglot du remord à travers les créneaux,
Le soupir de l'amour à travers les armures.

E Paris applaude estes versos que dirige, na sua lingua, ao seu poeta, esse outro vate vindo das margens do Tejo, e que sabia assim entrar no convívio fraternal das musas francezas. E ao mesmo tempo Mendes Leal escrevia n'um francez correcto e terso, com um poder de investigação verdadeiramente assombroso, com uma finura de ironia perfeitamente gaulleza, esse livro precioso *La Légende et l'Histoire*, que é a mais completa desanada que podiam apanhar esses srs. Reilhac e Batarel, que tinham jurado aos seus deuses que haviam de obrigar Portugal a pagar-lhes o emprestimo de D. Miguel, que para isso conseguiram agitar a imprensa do seu paiz, promover interpellações, fabricar artigos, revolver quantos elementos de combate se podiam encontrar, e que Mendes Leal esmagou completamente n'este livro de uma prodigiosa exuberancia de argumentação, de uma tenacidade implacavel de inquerito, que não deixa um subterfugio dos taes senhores sem ser trazido á luz, uma só manha sem ser desmascarada, uma só adulteração de textos sem ser amarrada ao pelourinho. Livro bem feito, livro fulminante, que honra deveras o seu auctor, que honra o paiz que o vio nascer, e que é sobretudo uma prova dos assombrosos e inexgotaveis recursos do talento de Mendes Leal.

Este é que é verdadeiramente o homem moderno, em toda a plenitude da sua força intellectual e moral, desentranhando a seu tempo as flores e os fructos de entre a opulentissima rama da arvore do seu talento, caminhando com os

seus contemporaneos, não se deixando ficar atraz, sem se confundir por isso com a turba dos que marcham, poeta, dramaturgo, romancista, politico, diplomata, historiador, polemista, exercitando-se n'uma especie de gymnastica intellectual, conservando assim entre as geadas do outono o verdor da primavera.

PINHEIRO CHAGAS.

AS NOSSAS GRAVURAS

Nos OCELOS. — Está o navio prisioneiro. Quando nas explorações do polo arctico o inverno surprehende de subito os navios descobridores, os gelos cercam-nos de todos os lados, e nenhum esforço humano pode quebrar os muros d'esse carcere. O caso é previsto já, e todos os navegadores contam com esses mezes de encerramento. Então dentro do navio organisa-se como que uma substituição do lar ausente. Calafetam-se todas as aberturas, deixando só as indispensaveis para a circulação do ar, e á roda do fogo passam-se horas deliciosas de conversação, de leitura, de festas intimas, de refeições fraternas. Só os povos do Norte podem affrontar esses rigores de temperatura e esses rigores de encerramento. Quando estava em Lisboa o *Vega*, o celebre navio sueco do famoso *Nordenskiöld*, fomos visitá-lo e comprehendemos desde logo como podiam passar esses longos dias de captiveiro os marinheiros d'esse navio. O interior da embarcação estava disposto do modo o mais confortavel; as boas physionomias dos tripulantes respiravam intelligencia. Eram todos, mais ou menos, homens com uma instrução elemental, capazes de comprehender os asperos prazeres da sciencia e os sacrificios que ella impõe, capazes de se concentrar no seu isolamento e de procurar nos prazeres do espirito, na leitura, na conversação, nas representações theatraes uma consolação para o seu forçado captiveiro. Uma equipagem meridional n'essas circumstancias entrística e definhava de tedio mortal. Só esses bons marinheiros suecos, habituados na sua terra natal á constante convivencia com a neve, aos prazeres do inverno, e ás intimidades de familia, podiam passar mezes e mezes encerrados no fundo do navio, até que venha o sopro tepido da primavera, e que o mar, tornando-se livre, restituía ao navio tambem a liberdade dos seus movimentos.

A TOMADA DE ROMA PELOS GAULEZES. — É copia a nossa gravura de um quadro celebre de Chartran. A scenã que elle representa vamos contal-a immediatamente.

No anno 390 A. C. os Gaullezes, que os nossos classicos preferem chamar Gallos, invadiram a Italia, derrotaram os Romanos, e marcharam sobre a famosa cidade, cujos habitantes fugiram, enquanto um milhar de soldados ficava para defender o Capitolio. Os senadores porém, uns paparrôtes de marca maior, entenderam que não deviam fugir, nem ir para o Capitolio, e que deviam esperar tranquillamente a morte, sentados nas suas cadeiras curules, vestidos com os seus fatos de grande gala. Era rhetorica pura. Que importava aos Gaullezes esta mascarada? Pretendiam por acaso os senadores protestar assim pela nobresa da sua attitudo contra a invasão dos Gaullezes? Mas os Gaullezes faziam a Roma o que os Romanos tinham feito a muitas outras cidades, e

não podiam tomar aquellas figuras esculpturadas senão como figuras de rhetorica. Passaram pois por diante d'elles muito espantados, suppondo talvez que fossem todos estatuas, e um quiz verificar o caso, correndo a mão pelas barbas de prata do senador Papirio. O senador julgou isso um insulto, levantou o bastão e partiu a cabeça ao Gauléz, o Gauléz matou-o, e, como tinham verificado que nada havia de estatuaría n'estes figurões todos, foram-se a elles e mataram-n'os. Foi bem feito.

Palavra que nunca nos commoveu este caso mais ou menos legendario da historia romana. Achámos sempre uns verdadeiros *poseurs* estes figurões que se sentam gravemente nas suas cadeiras no meio da rua, como se quizessem tomar o fresco, ou ver passar a precissão. Compreendemos perfeitamente a curiosidade dos Gaulézes, e, apesar de não sermos soldados de Brenno, lá o Papirio não passava sem que verificassemos se as barbas eram de gesso ou de cabello, e, se o Papirio se tirasse dos seus cuidados para nos arrumar uma bengalada, ou lhe batiamos, ou apitavamos. Foi sempre convicção nossa que os taes senadores tiveram unicamente em vista os interesses da pintura e da estatuaría futura, e quizeram dar-lhes assumpto. Chartran, percebendo isso mesmo, fez o quadro que a nossa gravura representa, mas, apesar do quadro ser excellent, vê-se que o pintor fez como nós, não tomou a sério o assumpto. O senador da gravura não é bem um homem, é uma figura de baixorelevo, tem olhos de marmore, e attitudede estatua.

TELEGRAPHO SEM FIO.—É uma invenção recente do professor Loomis, e não sabemos qual será o futuro que a espera. O telegrapho electrico é excellent, mas exige uma grande despeza com fios conductores e postes, etc. etc. De que se lembrou o professor Loomis? De imaginar uma especie de papagaios, como os de papel que as crianças deitam, com pontas de ferro na extremidade, e com os fios ligados pela sua parte inferior com um apparelho electrico telegraphico. Feito isto, lança-se um papagaio em Lisboa, e outro em Bellas por exemplo. A corrente electrica, transmitindo-se á ponta de ferro do papagaio lisbonense, va actuar, atravez do espaço, sobre a ponta de ferro do outro papagaio, que a transmite a seu turno ao apparelho telegraphico que lá tem. A distancia, a que a corrente se faz sentir, não é inferior a 16 kilometros. É engenhoso, mas por ora pouco pratico. Assim como assim, quasi que era melhor voltar aos antigos telegraphos de signaes. Mandar um despacho para a Russia, com paragem obrigada de 16 em 16 kilometros, deve levar o seu tempo, confessemol-o.

UMA CAÇADA DE PELLAS-VERMELHAS.—Que lhes havemos de explicar? É o que alli vêem: Uns poucos de Indios mexicanos vão á caça. Já estão meio civilizados, e usam fatos mais complicados do que os do Chactas de Châteaubriand e os do Chingachook de Cooper. O chefe chama-se José, e é palrador com um deputado da opposição. A tribu tem a denominação de Narizes-Furados, denominação pouco propria para facilitar a eloquencia do seu chefe, que tem, como podem ver, porque é elle que vai em pé ao fundo do barco, umas attitudes nobres de Mirabeau, ou de José Estevão, que devem ser muito comicas,

quando elle exclamar: Os Narizes-Furados morrem, mas não se rendem. A gloria dos Narizes-Furados... As tradições patrioticas dos Narizes-Furados!... É irresistivel. Mettam lá este nome n'uma ode pindarica, se são capazes.

DUAS MÃOS DE FIDALGOS ANNAMITAS.—Não nos demorem com este assumpto, não? É repellente. A moda, entre os annamitas, ordena que se deixem crescer as unhas como na estampa se vê. É ridiculo, é horrendo, é nojento. Ha na Europa quem goste de deixar crescer extraordinariamente a unha do dedo pollegar. Nunca podemos perceber a elegancia d'esse costume. Que se revejam esses janotas de unha crescida n'estes annamitas! Como se vê, tambem ha uma unha que elles não deixam crescer, é a do indicador. Já que os outros dedos estão inutilizados, quebrem ao menos que haja um que possa prestar algum serviço. Esperamos que não haja no imperio de Annam o costume do beija-mão. Se o imperador for quem tiver as unhas maiores, quem lhe beijar a mão fica cego com toda a certeza.

A SEMANA HISTORICA

24 de julho de 1833—Entrada do exercito liberal em Lisboa

Os defensores da causa da liberdade que por alguns annos conservaram o baluarte da ilha Terceira e que desembarcando no Mindello hastearam no Porto a bandeira azul e branca, sustentavam-se á custa de enormes sacrificios e de inexcedivel bravura e intrepidez dentro da cidade da Virgem, mas não podiam quebrar o cinto de ferro com que o exercito miguelista os abraçava.

Para sabir d'esta critica situação resolveu-se no meiado de junho de 1833 enviar ao sul do reino uma expedição, que, saltando em terra, estabelecesse ali o governo constitucional e buscasse depois alargar os dominios de D. Pedro e quanto possivel entrar em Lisboa. Pelas sete horas da manhã de 21 de junho a esquadra commandada por Napier levantou ferro e tres dias depois o pequeno exercito liberal, commandado pelo duque da Terceira, desembarcava na praia de Caccella e travava com os soldados absolutistas um pequeno combate nas margens do rio Almagem.

Era a força constitucional composta de caçadores n.ºs 2 e 3, infantaria 3 e 6, primeiro batalhão do primeiro regimento de infantaria ligeira da rainha, um destacamento de lanceiros apeados e outro de artilheria de montanha formado pelos academicos de Coimbra e, apesar do seu limitado numero, em breve se assenhoreou do Algarve, assegurou n'essa provincia a auctoridade da rainha e marchando para o Alemtejo entrou em Setubal a 22 de julho. No dia immediato seguiu o duque da Terceira para Almada e vencendo alá os soldados de Telles Jordão na Cova da Piedade, na Mutella e no caes de Cacilhas poudé finalmente entrar na capital do reino que o duque de Cadaval tinha abandonado durante a noite.

A chegada da pequena expedição liberal a Lisboa marca o ponto em que verdadeiramente começou a declinar o partido absolutista. Até então luçava-se com valentia em defesa da Carta nas linhas da cidade invicta mas o resto do paiz obedecia todo ao governo de D. Miguel e esse o duque da Terceira fosse vencido e aniquillado na

sua marcha desde a costa do Algarve até á margem do Tejo, a causa liberal estava de todo perdida.

A entrada do neto de D. Sancho Manoel em Lisboa, permitindo que no castello de S. Jorge se arvorasse a bandeira azul e branca e que em volta d'ella se congregassem todos os que amando a liberdade, não tinham a abnegação precisa para se arriscarem á morte affrontosa na forca ou ás angustias de lugubre masmorra, veio exaltar os bravos e animar os tibios e desde esse dia se poudé predizer que não vinha longe a epoca em que o paiz inteiro, despedaçados os grilhões do absolutismo, havia de começar a colher os beneficos fructos da arvore da liberdade.

A. O.

SCIENCIA POPULARISADA

A NEVE

O inverno, digam lá o que quizerem, é cheio de encantos e bellezas. Não tem aquella vida luxuriante e animada da estação calmosa, bem sei; mas a natureza—para os que sabem lêr n'esse livro formosissimo—é tão grandiosa até nas suas particularidades mais pequenas, que nunca deixa de causar pasmo e admiração. Produz e fructifica no estio, mas durante o inverno trabalha e prepara a colheita.

Na meteorologia define-se a neve do seguinte modo: «é agua congelada, que cae em flocos brancos e leves.»

De feito, quanto a temperatura de uma parte da atmosphera desce abaixo de zero, as vesiculas aquosas das nuvens condensam-se, congelam-se e caem sobre o solo. Todavia, como a quantidade de vapor d'agua contido no ar é tanto menor quanto mais baixa for a temperatura, a neve será mais ou menos abundante conforme essa temperatura for mais ou menos elevada. De sorte que a — 20 graus cae menos neve do que a 0, e os flocos são muito mais pequenos.

Trataremos da causa do resfriamento da atmosphera, quando escrevermos á cerca dos climas e das estações.

«A neve, diz G. Tissandier, não é um aggregado de particulas solidas; é constituída por atomos aquosos symmetricamente dispostos sob formas variadas e caprichosas.» Com o auxilio dos instrumentos de optica observa-se uma architectura perfeita e regular, cujos materiaes se acham distribuidos com tanta arte e com tão apurado gosto, que causam inveja aos desenhadores de maior fama.

Por via de regra os flocos apresentam o aspecto de uma flor com seis petalas, de espantosa perfeição e variedade. Dir-se-hiam executadas com a caca mais delicada, sobre a qual se tivesse desenhado e bordado com a gaze mais fina e mais subtil.

A forma das estrellas de neve (flocos) é portanto ordinariamente hexagonal. É um nucleo central, em torno do qual vem grupar-se uma serie de pequenas varetas, que formam entre si, com extraordinaria fidelidade, um angulo de 60 graus. E não é raro acontecer que as varetas se ramifiquem indefinidamente, dando ao floco uma apparencia phantastica.

«A belleza sobrepõe-se outra belleza, escreve Tindall, como se a natureza, uma vez empenhada na tarefa, se deleitasse em patentear a omni-

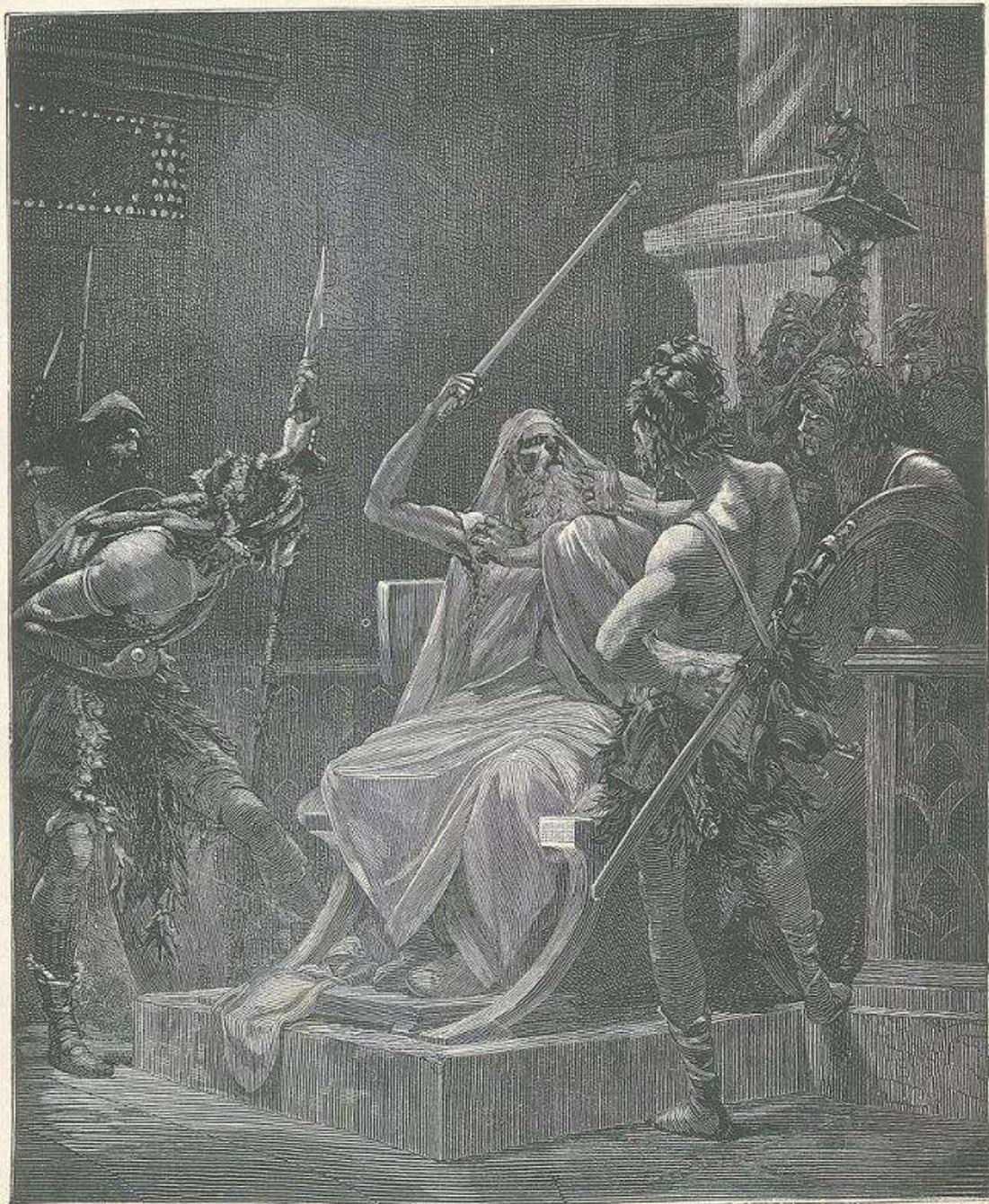
potencia de seus methodos e faculdades, ainda na mais acanhada de suas espheras.»

Apesar de todos os cristaes de neve pertencerem ao mesmo systema, as suas fórmulas variam até o infinito sob a triplice influencia da temperatura, da humidade e da agitação do ar. D'aqui procede a impossibilidade de reduzi-los a cinco grupos, como pretendeu Koenitz.

de é muito differente, a luz passando por esses diversos meios refrange-se até o infinito, e dá á neve a sua brancura e opacidade caracteristicas.

Sob o ponto de vista agricola, a neve é da mais alta importancia e utilidade. Sabem todos que a sua influencia immediata é proteger a vegetação, cobrindo o solo como um grande manto ou cobertor. Mas como se explica a acção benefi-

Os paizes mais frios devem a esta influencia as suas colheitas e as pastagens de seus gados. Alguns montes, por exemplo, permanecem oito ou dez mezes cobertos de neve; e esta, quando desaparece, deixa o solo tapetado de hervas abundantes, que vegetaram sob o seu abrigo protector, e que se adornam quasi immediatamente de uma multidão de flores, cujos botões se for-



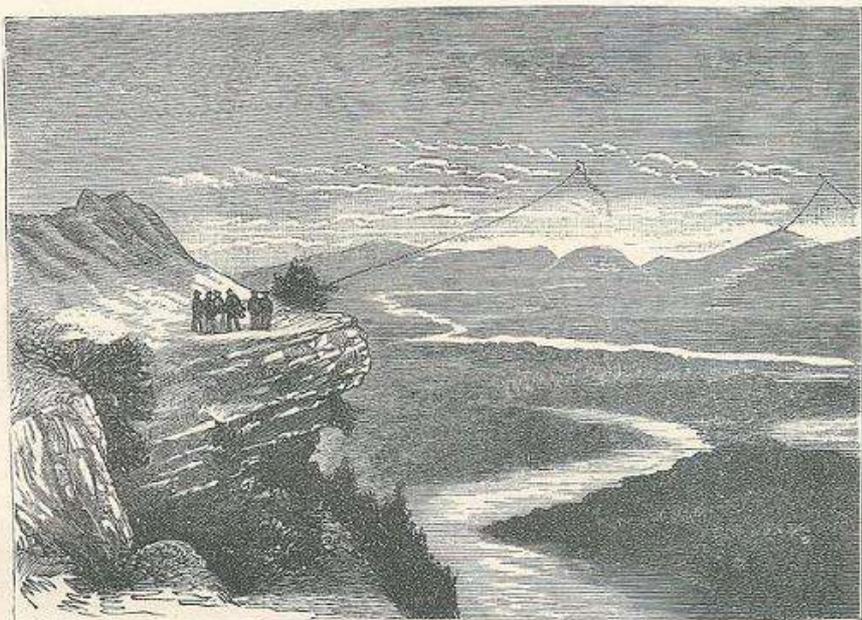
A TOMADA DE ROMA PELOS GAULEZES

A neve é por extremo leve; recentemente caída, occupa um volume doze vezes maior do que estando fundida. Este facto depende da grande divisão das suas partes, que é tambem causa da sua brancura. Com effeito, se por meio de processos microscopicos, isolarmos os pequenos fragmentos, que constituem um floco, veremos que são transparentes; mas, como se acham separados uns dos outros pelo ar, cuja refrangibilida-

ca, que ella exerce sobre a vegetação? De tres modos. Primeiro, porque em virtude do seu fraco poder conductor, evita que a geada penetre intimamente e produza os seus damninhos effeitos; segundo, porque se oppõe á perda do calor terrestre por irradiação; finalmente, porque, quando se solta, na occasião do degelo, beneficia as terras, humedecendo-as e amaciando-as convenientemente.

maram debaixo do alvo lençol, que se estendia sobre a terra.

As neves dos montes fundem-se rapidamente pela acção da chuva ou do sol; mas nas montanhas muito elevadas nunca desaparecem. Chamam-se então neves perpetuas. É facil adivinhar que a sua altura não é a mesma em todos os lugares, mas que varia segundo a latitude, a exposição, a proximidade dos mares, e um grande



TELEGRAPHO SEM FIO

numero de outras circumstancias climatologicas.

O limite inferior das neves perpetuas é 4800

metros debaixo do equador; 4600 no 20.^{mo} paralelo; 2350 no 45.^{mo}; e 1500 no 65.^{mo}

Tal é, em poucas palavras, a historia scienti-

fica da neve, meteoro, que tortura o pobre, entristece o rico, e, apesar d'isso, presta a um e outro serviços da mais alta valia.



UMA CAÇADA DE PELLAS VERMELHAS

HORAS DE OCIO

PALAVRAS QUADRADAS

. A . . O
A . A . A
. A . E .
. E . I
O A . I .

Completar com consoantes estas palavras quadradas.

PERGUNTA INDISCRETA

Qual é o rio de Portugal que corre mais?

LEXICOLOGIA

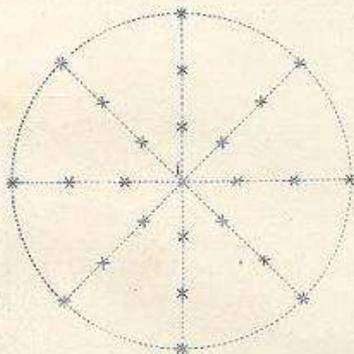
Com o nome de uma cidade, um pronome, um verbo e um substantivo construir uma phrase, que, lida de traz para deante, ou de deante para traz, dá sempre o mesmo resultado.

FANTASIA ARITHMETICA

Perguntando um individuo a outro que idade tinha, respondeu este: Tenho o dobro da idade que o senhor tinha quando eu tinha a idade que o senhor tem, e quando o senhor tiver a idade que eu hoje tenho, a somma das nossas idades será 45 annos.

Qual era a idade de cada um d'elles?

PALAVRAS EM ESTRELLA



Nomes de quatro povoações e concelhos portuguezes. Cada estrellinha é uma letra.

Solução dos problemas do n.º 21

METAGRAMMA

Bato, Cato, Dato, Fato, Gato, Lato, Mato, Nato, Pato, Rato, Tato.

EMBRULHADA HISTORICA

Caligula.

PERGUNTA INDISCRETA

Pedir dinheiro emprestado na quarta-feira de Cinzas e ter de o pagar na Paschoa.

Soluções certas

Metagramma. — Edipo (Lisboa), Vasco (Coimbra), D. Benedicta Barros (Setubal).

Embrulhada historica. — Manoel Antonio Coelho Zúbio (Lisboa), Vasco (Coimbra), Edipo (Lisboa), D. Benedicta Barros (Setubal), B. Y. (Lisboa), Carlos Augusto da Silva (Lisboa), L. A., estudante da Escola Academica (Lisboa), X. Y. Z. (Evora), Chercas, Alvaro Ferreira Guimarães (Povoa de Lanhoso), os *Pierrots*.

Pergunta indiscreta. — Edipo (Lisboa), Vasco (Coimbra), os *Pierrots*.

Observações. — A *Fantasia arithmetica*, a *Lexicologia* e a *Pergunta indiscreta* foram-nos enviadas por assignantes novos.

Um *official inferior de caçadores* 1 (Tavira) manda-nos, já fora de tempo, a solução certa da *Embrulhada cryptographica*.

Devemos dizer que inserimos na secção das *Soluções certas* os nomes d'aquelles que dão aos problemas soluções que satisficam ás suas condições, embora sejam diversas das que publicamos. Assim aconteceu com o *Problema geometrico* e o *Problema geographicogrammatical* do n.º 20.

ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

por

Victor Tissot e Constant Amérol

(Continuado de pag 174)

—E inutil... verás que sei morrer. Depois de morto, ha de ser preciso que me empurres para eu cabir.

—Obedece. Este laço é uma humilhação que deves experimentar.

—Se assim é consinto.

Dimitri descurrou e estendeu o seu grande cinto de lá, entregou-o ao pae, que com elle atou o filho a um pinheiro, e collocando-se defronte, puxou os dois revolvers, e disse cheio de commoção, que não procurava disfarçar:

—Vaes morrer, Dimitri... Ah! n'este logar... Quem tal cousa me diria no dia em que nasceste... Ah! se tua mãe... Dimitri, encomenda a tua alma a Deus. Reza, meu filho.

—Mas dize-me, pae, concedes-me o teu perdão depois de eu morrer?

—Sim, quando tiveres expiado...

Um suor frio aljofrava a testa do chefe de policia. O homem da justiça sentia-se fraco deante do pae.

—Adeus, pae, morro arrependido, murmurou Dimitri.

E fechou os olhos.

Yermac recuou tres passos. Tinha uma pistola em cada mão. Apontou-as ao peito de Dimitri, prompto para fazer fogo. Esta scena horrivel era illuminada pelos clarões sanguinolentos que projectava a floresta destruida.

De repente, Yermac tremeu, cabio, parecendo ferido pela morte, que pretendia dar.

—Pae! gritou Dimitri com um soluço de angustia.

O chefe de policia não podia ouvil-o. Estava sem dar acceordo de si, com a physionomia decomposta, os olhos encovados.

—Pae! sou eu que devo morrer, — e não tu! Pae, recobra a tua vida! Escuta a minha voz!...

Os companheiros de Dimitri, inquietos pelo seu desaparecimento, correram. Enquanto uns o desatavam do pinheiro, outros se debruçavam sobre o corpo rigidado do pae.

—Ainda vive? perguntou Dimitri aproximando-se.

—Não, está morto... Está completamente frio...

—Ah! meu pae, meu pae, perdôa-me! exclamou elle lóra de si, fui eu que te matei... Sim, tu dizias bem: parricida!

E como se tivesse medo de que o braço do cadaver se erguesse repentinamente para feril-o, não ousava abraçar pela ultima vez o pae.

Um dos ladrões de ouro, impondo silencio aos outros e pedindo attenção, tomou a palavra: era um homem grande, nervoso, dotado de physionomia intelligente.

Dimitri, disse elle pegando no braço do manco, vaes ser o nosso chefe. Teu pae matou Koskintine.

—Porque motivo será Dimitri o nosso chefe? perguntou outro bandido; mas este violento, de aspecto carrancudo e ameaçador. Tinha que ver! accrescentou elle sem esperar resposta.

—Porque é esse o nosso costume, Ivan! O mais velho é o chefe... na sua falta é o mais novo... e assim successivamente; Dimitri é o mais novo de todos nós.

—Eu restabeleço a harmonia geral, exclamou Dimitri... Meus amigos, vou abandonal-os. Deixem-me. Se meu pae tornar a si...

—Se tornasse a si, disse Yvan, matava-te. Não é homem que te perdôe. Mas fica certo de que está bem morto. Vem comosco...

—Não, ide, parti sem mim; deixae-me aqui, disse o filho de Yermac. E procura emendar-vos.

—Que estás tu para ahí a cantar? perguntou Yvan. Uma vez que és nosso chefe, segue-nos; farás depois as reflexões que intenderes.

—Ivan tem razão! disse em côro toda a quadrilha.

Dimitri protestou, vociferou, mas os ladrões obrigaram-n'o e levaram-n'o consigo.

Um momento depois tinham desaparecido por detraz de uma elevação do terreno, e no logar da scena proximo ao sinistro só ficava o chefe de policia, cujo corpo tinha sido muito á pressa cohercto de ramos e folhas. A vinte metros de distancia jazia o cadaver nú, até a cintura, do saltador Koskintine. Os companheiros tiraram as roupas mais quentes do chefe.

Ao longe, acabava de arder a floresta. Dos focos ainda mal apagados, erguiam-se de espaço a espaço columnas de fumo semelhantes a grandes fitas ondeadas. Nascera finalmente o dia, curtissimo n'aquella estação, fazendo empallidecer os raios do incendio, que ainda havia no céu.

XI

N'este momento, de detraz de uma ondulação do solo, surgiu um animal immenso, um urso pardo, com as patas negras, e cujas espaldas eram rodeadas por uma grande malha branca semelhante a um collar.

O animal parou, e repentinamente deu mostras de uma energia sobreexcitada pelas exigencias do estomago. Dirigio-se para o bandido morto sobre a neve, á qual o incendio da floresta dava um aspecto cor de rosa formosissimo. Andou á roda do cadaver, cheirou-o, e tomando uma posição commoda, principiou... a devoral-o. — tranquillamente, como se deve fazer, quando se encontra uma boa refeição enviada pelo céu, sem ter sido necessario caçar, nem pescar. Os ursos da Siberia são habilissimos pescadores, se as circunstancias o exigem.

Quando o plantigrado engolio aquella carne, que despedaçava com as unhas aceradas, e triturava com os dentes afiadados, aproximou-se, todo pingado de sangue, do logar em que se achava o pobre chefe de policia. Chegaria tambem a este a sua vez? O urso voltou o corpo immovel e paralyzado, tornou a voltal-o methodicamente,

sentou-se sobre as pernas, reflectio um instante, e decidio, como fiel observante da economia, que tendo já comido o bastante para aquelle dia, e até para mais alguns, devia reservar a inesperada provisão para um caso de penuria.

Feito e admitido este raciocinio, tomou Yermac por um braço, e sem enterrar demasiadamente os dentes agudos, sem a menor idéa de saborear aquella outra iguaria, aquella carne ainda quente, foi arrastando o corpo na direcção de um pequeno bosque de arbustos.

Chegado ao bosque, fez uma cova com as unhas — «um segredo» para nos servirmos da expressão dos viajantes polares — e quando se deu por satisfeito da sua obra, levou para lá o corpo sempre immovel do chefe de policia, com uma delicadeza perfectissima, e poderia mesmo dizer-se: com toda a sorte de precauções.

A terra toda remexida formava uma especie de fosso. O carnívoro quebrou uns ramos pequenos, collocou-os artisticamente em cima da «dispensa» que acabava de construir, e cobrio tudo com pedacos de neve habilmente projectada com o auxilio das patas trazeiras, voltando as costas para o pequeno monticulo.

Feito isto, foi completar um pouco mais longe a digestão, escarnecer talvez de algum collega que tivesse menos furo, menos actividade.

Entretanto os fugitivos — Yegor, Nadege, Lafleur e Ladislau — depois de terem escapado á torrente de chammas que se estendia de oeste para este, contorneando um pouco o immenso brazeiro incandescente vieram ter ao caminho, por onde deviam chegar, dentro de poucos dias, Tekel e os trenós libertadores.

Tinham posto sobre dois dos cavallos, que tiveram a fortuna de encontrar, as pelles e provisões salvas d incendio, os utensilios, armas, e puzeram-se a caminho, sendo os cavallos conduzidos á mão por Yegor e Lafleur.

Uma hora depois de ser enterrado o chefe de policia chegaram os fugitivos ao lugar, em que se ferira o sanguinolento combate entre elle e os ladrões de ouro. Viram grande quantidade de sangue derramado, e os restos de um cadaver de homem. Pararam tomados de assombro deante d'aquelle espectáculo horroroso. Olhando mais attentamente, Ladislau descobriu um rasto de sangue no gelo — como se um ferido tivesse sido arrastado para longe.

Deu parte a Nadege da sua descoberta.

— Perto d'aqui está com certeza algum ferido! exclamou a rapariga. Vejam este sangue e a neve toda remexida! Oh! se tivéssemos chegado a tempo de podermos salvar um dos nossos semelhantes!

— Vamos ver o que é, disse Yegor.

Prenderam os cavallos ás arvores. No valle mais proximo ouvia-se um grunhido — de satisfação, é facil acreditar. Era o urso que dava mostras de contentamento pelo seu opiparo jantar.

— É prudente não avançar muito! observou o sr. Lafleur preparando a espingarda para qualquer eventualidade.

E dirigiram-se os quatro para o monticulo, debaixo do qual Yermac — quasi a entrar na eternidade — esperava o momento de ser devorado tambem. Pareceu-lhes mysterioso o que se lhes deparava.

Yegor e Ladislau puzeram-se de joelhos, e principiaram a desentulhar a neve com as mãos, e o sr. Lafleur, de espingarda ao hombro,

observava com attenção o que se passava em torno.

Tirada a neve, separados os ramos, ao clarão das nuvens de fumo que pairavam por cima da floresta em combustão, Yegor, Ladislau e Nadege viram um homem — um morto enterrado...

— Um cadaver! exclamaram todos ao mesmo tempo, no meio de grande commoção.

Tiveram em resposta um suspiro.

— Mas não está morto! disse Yegor. E poz-lhe a mão sobre o peito. O coração bate com força! accrescentou cheio de esperanza.

— Que felicidade para nós! exclamou Nadege. Meus amigos, quiz Deus permittir que praticassemos uma boa acção... que nos ha de consolar dos cruéis extremos a que tivestes de recorrer: é uma vida, que podeis salvar, em troca da que tirastes nos desfiladeiros!... Vamos, Yegor, confiança! É um bom agouro para o resultado da tua corajosa empreza!

O quasi defunto chefe de policia foi sentado por Yegor com o auxilio do sr. Lafleur, — que já se não lembrava do urso nem dos grunhidos.

Yegor, horrorizado ao ver as feições desfiguradas do chefe de policia, julgou ser uma allucinação do seu cerebro.

— Ah! Nadege, não falles do homem dos desfiladeiros... Fazes-me torvar a razão.

O sr. Lafleur olhava espantado de bocca aberta.

Finalmente Yermac abriu os olhos.

— Obrigado, exclamou elle.

— Mas, effectivamente é o chefe de policia! balbuciou Yegor no auge da admirração.

— Quem quer que sois, obrigado! disse ainda o exhumado. Tirastes-me de sobre o peito um monte pesadissimo.

Á luz do dia misturavam-se reflexos do incendio, que augmentara repentinamente, como se a chamma tivesse encontrado novo alimento.

— Pois que! É o sr. Semenoff e o sr. Lafleur! Pois é aos dois que devo a minha vida! Será possível?... Onde está meu filho? Que é feito de Dimitri? Onde estão os ladrões de ouro? De repente fez-se noute em roda de mim... Mas estou ferido no braço direito... estou perdendo sangue. Sr. Semenoff, sr. Lafleur, digam, vieram para dar cabo de mim? Quizeram enterrar-me vivo debaixo da neve, como já pretenderam fazel-o debaixo do rochedo? É de veras cobarde! Expliquem-se! Fallem!

Yegor e Lafleur tinham perdido a falla. Nadege estava quasi desmaiada; o pequeno Ladislau, depois de ter recuado alguns passos, fazia, uns apoz outros, signaes da cruz precipitados.

— Sr. Yermac, disse por fim o deportado, lha em tudo isto uma intervenção superior... Estamos aqui para soccorrel-o. Nada receie. Se commetti graves faltas para comsigo, offereço-me de todo o coração para reparal-as. O proprio sr. Yermac não pode chamar «acaso» ao encontro, que depois de o termos deixado por morto nos desfiladeiros verkhoyanianos permittio que o desenterrassemos agora n'este lugar. Se está ferido, nós o trataremos.

O sr. Lafleur addicionou algumas palavras, applicando ao chefe de policia como tinha vindo áquelle fosso. Como commentario o urso ainéda grunhia ao longe. Como provas, que corroborassem as suas allegações, o sr. Lafleur mostrou tos restos do cadaver estendidos no solo. Desde então, estava tudo explicado.

— Muito lhes agradeço, meus senhores, disse

Yermac pondo-se em pé. Estou melhor do que suppunha. Ficámos quites, sr. Semenoff. Agora não pode negar; está em pleno caminho de evasão, e bem assim a senhora, a quem chama noiva, e o irmão adoptivo. Por consequencia prendo-os a todos os tres.

Yegor fez um movimento. Nadege empallideceu. Ladislau desatou a chorar. Mas o sr. Lafleur, disse-lhe em tom de zombaria:

— Ora, meu pobre Yermac, o amigo está caçoando commosco! Pois então um homem que se não pode ter nas pernas, que está só, ferido, longe de todo o soccorro, vem agora fallar como se tivesse uma esculta de cossacos? Quer queira, quer não queira, nós vamos continuar o nosso caminho... com todo o socego. E se o amigo não estiver contente, para a outra vez deixaremos os ursos da Siberia devorarem os agentes da aucto-ridade.

— Senhores, eu represento a lei, disse o chefe de policia com um ar cheio de dignidade.

— Á fe de parisiense! É uma pretensão bem singular, e bem comica! exclamou Lafleur..

— A força é privilegio da lei, tornou Yermac.

— Pois se tem força, mostre-a!

Yegor interveio.

— Sabe porque lhe falta a força, Yermac? é porque a sua reclamação não se baseia no direito. Tem deante de seus olhos victimas innocentes, — não me refiro aos incidentes tragicos da nossa fuga... Nós somos martyres da oppressão odiosa. E o sr. Yermac não pode exercer sobre nós nenhuma impressão favoravel appellando para as nossas consciencias: eis o motivo porque se encontra fraco, sem prestigio e completamente desarmado.

— Havemos de ver... os srs. vão para o oriente? Pois eu volto para o occidente. Tenha cada um confiança no seu destino.

O sr. Lafleur fez um signal a Yegor. Conferenciaram alguns instantes, e já Yermac observava os caminhos, sem saber por onde devia retrogradar.

— O sr. Yermac está em nosso poder, disse-lhe Yegor.

Yermac fez um movimento; mas no seu rosto impenetravel como granito não se debuxou a mais leve commoção.

— Os senhores são muitos, e eu sou um só. O partido é desigual. Submetto-me... respondeu elle simplesmente.

— Não nos basta a submissão replicou Yegor. Podemos encontrar patrulhas, podemos cabir n'alguma estação de cossacos. E n'esse caso, o que tenciona fazer?

— O meu dever.

— Tenciona denunciar-nos?

— Immediatamente.

(Continua)

CORRESPONDENCIA

A. T. J. (Aljo). — Irão n'um dos proximos numeros os seus problemas.

K. F. (Coimbra). — Agradecemos o enigma. E bom e irá brevemente.

O. S. (Lisboa). — Não está certa a sua solução da *Enbrada historica*. — Percebemos que procurasse um nome de imperador que tivesse nove letras em vez de oito, porque na

imprensa tinham feito de Marco Aurelio dois homens diferentes com uma amalaçoada virgula que lhe metteram no meio, mas para lhe apparecer *Domiciano* era necessario que encontrasse em *Claudio* um m, em *Galla* um c, em *Augusto* um i, etc. Ora até agora, mesmo depois dos trabalhos de Mommsen e de Duruy, e das investigações de Perrot, ainda nenhum antiquario encontrou semelhante coisa n'esses imperadores.

Marcello.—Na sua carta e nos seus versos nota-se a estranha confusão de idéas que está invadindo os cerebros contemporaneos. Imagina-se que o dogma da «verdade no romance» foi descoberto por Zola, e supõe-se que se fez uma revolução na arte, porque a Satin da *Nana* tem umas audacias de expressão que fazem rir. Não tencionamos travar agora com Marcello uma larga discussão a respeito de *romantismo* e de *realismo* aqui n'este canto da *Correspondencia*; trataríamos contudo a questão mais amplamente, se a segunda carta de Marcello, de um gosto bastante equivoquo, nos não viesse

Quasi todas as bestas litterarias,
Que estavam dois minutos a escrever.

Porém hoje tu sabes, maganão,
Que Balzac e Zola tudo mudaram,
Não existe na terra um só rato
D'aquelles que o lyrismo edificaram.

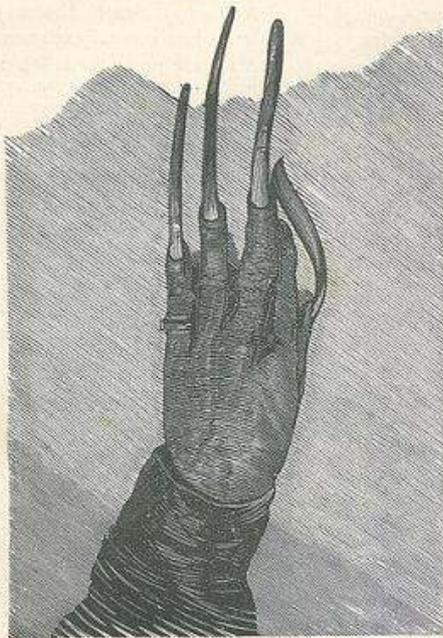
N'estas quadras ha uma série medonha de contra-sensos. Para sermos justos poeem devemos dizer que effectivamente ha n'estas quadras algumas innovações importantes. A phrase «bestas litterarias» é profundamente moderna. Cheira a realismo e a cavallaria. Não contestaremos este progresso, que juntamente com o *Je m'em...* da Satin da *Nana* formam duas das mais notaveis conquistas da arte contemporanea.

Ora agora o que nós não sabemos é que Balzac apparecera ultimamente para mudar tudo, e que se estava encarrgando, de braço dado com Zola, de virar tudo ás vellas. Sup-

Ninguem hoje se occupa com certeza
De escrever do amor e da mulher;
Aquillo que nos dá a natureza
É só o que tentamos descrever.

Então a mulher é uma obra d'arte como uma ponte de caminhos de ferro? A natureza não produz senão cadellas, e por isso Marcello descrevia tão minuciosamente o bicho que estava a dormir na sacada, e que acordára a ladrar? Ora valha-o Deus!

Commentando em prosa os seus versos escreve ainda Marcello: «Que copieie aquellos versos do natural o tudo quanto é natural é admiravel.» Será, mas quem estabelece uma theoria não recua diante das suas consequencias logicas. Porque não descreveu o cão praticando algum acto... natural e admiravel por conseguinte? Não negará que o acto a que nos referimos seja natural, e do natural o pôde copiar quando seguir os cães com uma abnegação do poeta naturalista nas di-



DUAS MÃOS DE FIDALGOS ANNAMITAS

prevenir contra o perigo de discutir com um mascarado. Contudo não deixaremos de cumprir a nossa promessa.

É tal a confusão de idéas, repelimos, que chegamos a não comprehender o juizo que formam do romantismo alguns dos escriptores da escola modernissima. Não sabem por exemplo que o grande chefe do romantismo em França foi Victor Hugo, que no outro dia recebeu da geração moderna a mais sublime manifestação? Imaginam que o romantismo era uma especie de vasto *Jardin Litterario*, que não havia senão vales piégas que recitavam ao piano umas quadras mal rimadas? Suppõem que o romantismo e a Arcadia são uma e a mesma coisa? Não sabemos; o que podemos dizer é que o seu propheta Zola ao menos é logico. Detesta o romantismo, e por isso apodreja Victor Hugo. Mas incarnar o romantismo nas pessoas de uns poetas elegiacos, desgrenhados, de mão no peito e olhos em alvo, que eram em 1830 o assumpto predilecto da troça dos folhetinistas, parece-nos realmente uma comprehensão estranha de uma evolução litteraria tão importante como foi essa que teve por iniciadores Goethe, Schiller, Tieck, Heine, Victor Hugo, Lamartine, Musset, Balzac, George Sand, Dumas, Manzoni, Espronceda, Garrett, Byron, Walter Scott e todos os grandes vultos que transformaram completamente as velhas formas litterarias do classicismo *ancien régime*, para vosarem n'esses novos moldes a torrente de lava da grande Revolução.

Essa confusão de idéas está expressa por exemplo nas seguintes quadras de Marcello:

N'esse tempo de eternas luminarias
Escreviam do amor e da mulher

punhamos até hoje que Balzac era um escriptor de 1830, que, enquanto Dumas creava o romance historico, o romance de aventuras, creava elle o romance contemporaneo, o romance de observação, suppunhamos que um e outro tinham obtido um largo successo, que a *Comedia humana* foi desde logo um triumpho, que Dumas e George Sand e Balzac tinham cada um, como succede sempre, o seu publico, os seus admiradores, os seus partidarios, mas que a obra do author dos *Mosqueteiros*, e a do author de *Eugenia Grandet* representavam as duas formas principaes da arte de 1830, da arte romantica.

Julgavamos nós tudo isto. Mas cello porém diz-nos que não diz-nos que Balzac nasceu hontem, que é irmão gêmeo de Zola, e que ha tempos a esta parte estão os bons dos homens revolvendo tudo. Desculpe-nos, mas não sabemos, e quem não sabe é como quem não vê.

Mais soubemos que «não existe na terra um só rato d'aquelles que o lyrismo edificaram.»

Tambem suppunhamos que existia pelo menos um—aquelle *raão* de Victor Hugo. Esse effectivamente foi um dos que edificaram o lyrismo moderno, e foi até o seu mais brilhante fundador. As *Odes e balladas*, as *Orientaes*, as *Follas de outomno*, os *Cantos do Crepusculo*, os *Raios e sombras*, as *Vozes intimas*, as *Contemplações*, as *Canções das ruas e dos bosques*, a *Arte de ser arto* e emfim um dos livros dos *Quatro ventos do espirito* supponos que não são outra coisa senão poesia lyrica. Marcello dirá:

Descrevendo o programma dos modernos, escreve ainda Marcello:

versas circumstancias do seu viver quotidiano. Abi tem pois Marcello o assumpto de um quadro naturalista... e admiravel... para quem o admira.

E acabou-se. Se quiser continuar, lembre-se de que em hon sociedade quem está mascarado tem obrigação de ser mais cortez ainda do que quem está de rosto descoberto. O contrario só acontecer nos bailes da Trindade.

J. A. M. (Coimbra).—A carta em que se refere a Eurico e em que pede uma explicação astronomica será brevemente publicada. Não o foi ainda por falta de espaço.

Violeta.—Agradecemos-lhe muito a sua delicada offerta que aproveitaremos em breve. Não é modesta a dádiva, é modestissima quem a offerece. Mas, por mais que a violeta se esconda, sempre a denuncia o finissimo perfume. Quatro palavras bastaram para denunciar a delicada intelligencia da nossa amavel correspondent.

Victor Narceu.—Sim senhor, a isso é que se chama *ser beno jouer*. Pois a sua resposta que tem graça será publicada no proximo numero. Agora falta-nos o espaço.